

EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DA INCLUSÃO

Leilane Fernanda das Dores Monteiro¹

Eliete de Jesus Bararua Solano²

Resumo: Este artigo aborda os resultados de uma pesquisa realizada sobre a educação bilíngue de surdos em escolas especializadas na cidade de Belém, capital do Pará, destacando as dificuldades enfrentadas pelos professores de língua portuguesa no atendimento a esses alunos. Apresentamos o uso de videoaulas de língua portuguesa como suporte aos professores em seus processos de criação pedagógica. O problema investigado foi: “Como os professores dessas escolas avaliam o uso das videoaulas na contribuição para o planejamento e a criação de suas aulas?”. O objetivo foi descrever as dificuldades e necessidades desses professores no repensar de suas práticas de ensino, apresentando uma proposta diferenciada e organizada, direcionada ao ensino de alunos surdos, validada pelos próprios professores de língua portuguesa dessas escolas. Como embasamento teórico, foram utilizados autores como Quadros (2007), Guarinello (2007), Bakhtin (2011), Lobato (2016), e Baggio (2017). A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários e da observação de oito aulas ministradas por cinco professores de língua portuguesa de duas escolas especializadas na educação de surdos em Belém. A partir dos resultados, foram produzidas duas videoaulas de língua portuguesa, validadas pelos professores por meio do acesso a um canal no YouTube e formulários no Google Forms. Os principais resultados apontaram para a carência de materiais didáticos em Libras e em língua portuguesa que contenham sinais específicos da disciplina de língua portuguesa.

Palavras-Chave: Língua brasileira de sinais. Ensino de língua portuguesa. Videoaulas.

Abstract: This article addresses the results of a research carried out on the bilingual education of the deaf in specialized schools in the city of Belém, capital of Pará, highlighting the difficulties faced by Portuguese language teachers in serving these students. We present the use of Portuguese language video classes as a support to teachers in their pedagogical creation processes. The problem investigated was: "How do the teachers of these schools evaluate the use of video classes in contributing to the planning and creation of their classes?". The objective was to describe the difficulties and needs of these teachers in rethinking their teaching practices, presenting a differentiated and organized proposal, aimed at teaching deaf students, validated by the Portuguese language teachers of these schools. As a theoretical basis, authors such as Quadros (2007), Guarinello (2007), Bakhtin (2011), Lobato (2016), and Baggio (2017) were used. Data collection was carried out through the application of questionnaires and the observation of eight classes taught by five Portuguese language teachers from two schools specialized in the education of the deaf in Belém. Based on the results, two Portuguese language video classes were produced, validated by the teachers through access to a YouTube channel and forms on Google Forms. The main results pointed to the lack of didactic materials in Libras and in Portuguese that contain specific signs of the Portuguese language discipline.

Key words: Brazilian sign language. Portuguese language teaching. Video lessons.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (PPGELL/UEPA). Professora de Língua Portuguesa e de Libras no Ensino Fundamental pela Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC). E-mail: leilanedores@gmail.com

² Professora Adjunta IV do Departamento de Educação Escolar Indígena (DEEI/UEPA). Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará (PPGELL/UEPA). E-mail: elietesolano@uepa.br

1. Introdução

As dificuldades que os professores de alunos surdos enfrentam ao lidar com conteúdo e a carência de materiais adaptados para trabalhar com esses alunos foram uma das motivações iniciais deste trabalho, assim como as minhas próprias angústias, enquanto docente, em encontrar suporte teórico e pedagógico que me auxiliassem no planejamento das aulas de língua portuguesa com sinais específicos e atividades voltadas para alunos surdos, e não para o ouvinte. A grande maioria dos professores que participaram da pesquisa chegou às escolas de surdos sem saber como se comunicar com esses alunos e sem saber como iriam produzir seus recursos e atividades.

Dos cinco professores pesquisados, apenas uma professora fez especialização e mestrado na área da educação de surdos e possui curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e formações atualizadas na área. Os outros participantes, mesmo alguns com mais de oito anos de trabalho nessas instituições, ainda estão buscando aprender Libras e em como realizar essa produção. Muitos também relataram a pouca oferta de formações nessa área para os professores e a carência de materiais específicos nessas instituições para o ensino de língua portuguesa para surdos.

Esses relatos impactam o trabalho do professor, que muitas vezes se encontram diante da situação de não saber “o que fazer” e “como fazer”: se deve seguir os conteúdos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê e os livros didáticos das escolas regulares, mesmo sem acessibilidade para o surdo, ou se deve adaptar os conteúdos propostos e caminhar conforme o tempo de organização do professor e o entendimento do conteúdo pelo aluno? Cabe ao professor garantir ao aluno surdo o direito de ser incluído e compreendido em sua língua materna, por ser o professor uma das ferramentas de auxílio importante na construção do pensamento crítico e nas mudanças em suas práticas pedagógicas, a fim de garantir uma educação mais inclusiva.

O foco do ensino de surdos está na educação bilíngue, a qual está relacionada ao ensino de duas línguas: a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda. A partir disso, o uso da língua de sinais possibilita a capacidade de expressão de pensamentos, ideias e sentimentos de forma clara, tanto quanto a aprendizagem de uma língua na modalidade oral, uma vez que exerce as mesmas funções que a língua falada para os usuários ouvintes (Quadros; Lillo-Martin, 2007). Dessa forma, é fundamental que o professor conheça a língua de seu aluno, não bastando apenas conhecer alguns sinais isolados, mas

sendo necessário compreender a estrutura gramatical, estabelecer diálogos e vivenciar sua cultura.

Esta pesquisa investigou, em escolas especializadas localizadas em Belém do Pará, a seguinte questão problemática: “Como os professores dessas escolas avaliam o uso das videoaulas na contribuição para o planejamento e a criação de suas aulas?”. O objetivo geral da pesquisa se constituiu em descrever as dificuldades e necessidades desses professores no repensar de suas práticas de ensino. Para alcançar este objetivo da pesquisa traçamos três objetivos específicos que constituem em: (i) promover o letramento em língua de sinais- Libras; (ii) produzir videoaulas de conteúdos de língua portuguesa com práticas metodológicas que auxiliem os professores no ensino de sujeitos surdos; e (iii) obter a validação de um produto educacional com foco no surdo e no auxílio ao professor.

Metodologicamente, a pesquisa incluiu a observação de aulas de língua portuguesa em duas escolas especializadas na educação de surdos em Belém, a aplicação de questionários² aos professores de língua portuguesa, formações em Libras voltadas para esses docentes, a produção de duas videoaulas destinadas aos professores e a validação desse produto educacional por professores de língua portuguesa que atuam em escolas de surdos.

Para referenciar este trabalho, contamos com os estudos de autores como Guarinello (2007), Quadros (2007), Bakhtin (2011), Baggio (2017) e Lobato (2016) – dentre outros –, dedicados a pesquisar o ensino de língua portuguesa para surdos e os desafios enfrentados pelos professores na elaboração de aulas adaptadas e acessíveis aos alunos surdos.

O texto está organizado da seguinte maneira: após esta *Introdução*, tem-se a seção *Professor de Surdos: O que Preciso Ser?* onde se discute o papel do professor, sua formação e os desafios de inclusão na escola bilíngue. Depois, na seção *Trajetórias Metodológicas* apresenta-se a metodologia empregada na pesquisa. Em seguida, a seção *Validação do produto educacional - “Sinalizando o Português”* demonstra os resultados da criação e validação de videoaulas como ferramentas pedagógicas. Por fim, tem-se as *Considerações Finais e Referências* utilizadas.

2. Professor de surdos: o que preciso ser?

O Decreto nº 5.626/05 (Brasil, 2005), art. 5º, dispõe sobre a formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, que deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua

² Questionário aplicado aos professores disponível no link: <https://forms.gle/DMArVeiHxKUjXU9j7>

Portuguesa na modalidade escrita constituam línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue. Porém, a própria grade curricular do curso de Pedagogia, há pouco menos de 10 anos, propunha o ensino de Libras como uma disciplina optativa, muitas vezes formando profissionais que irão atuar em escolas especializadas sem ter o mínimo contato com a Libras.

O professor deve ser uma ferramenta importante na construção do sujeito surdo, pois sabemos que a nossa sociedade ainda ‘engatinha’ nos moldes da inclusão. Devido à falta de preparo, de formação, de investimento e de força de vontade para mudanças, encontramos muitas escolas com docentes que não estão propícios a mudanças pedagógico/ metodológicas, dificultando ainda mais para que esses alunos tenham uma educação específica e de qualidade. Dessa forma, sem a oportunidade de vivenciar a cultura surda por meio da língua de sinais, seja em casa ou na escola, as crianças surdas ficam impedidas de acessar informações básicas e conhecimentos de mundo.

Strobel (2013) relata em seus estudos, e isso também é identificado em pesquisas mais profundas, que a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo. Ela é uma das peculiaridades da cultura surda, uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos e os leva a transmitir e adquirir o conhecimento universal. Não é a única marca, pois de acordo com Skliar(1998) o surdo tem uma vida fora da escola e precisa também de outras relações sociais, culturais e identitárias, que geralmente iniciam na sala de aula, mas se expandem para além dela. Nesse contexto considera-se também o papel do Estado em garantir ao surdo: à acessibilidade em mídias e espaços públicos valorizando a comunidade surda; a valorização da cultura surda, com aspectos próprio dessa comunidade; e apresentar ou criar um currículo que direcione a uma educação bilíngue com práticas educacionais visuais e não “ouvintista”.

Torna-se dever da escola, porém, desenvolver e fortalecer a identidade pessoal dos sujeitos surdos considerando as vozes desses estudantes no contexto racial, social, étnico, linguístico e sexual. Dessa forma, é imprescindível que o professor conheça as estruturas gramaticais da língua de sinais e a leve em consideração no ensino da língua portuguesa. A escola, portanto, precisa atender às inúmeras transformações relacionadas à inclusão. Em uma escola bilíngue, por exemplo, é de fundamental importância contar com um professor com formação em Letras Libras, que exerça o papel de colaborador com os demais, apoiando-os em novas práticas pedagógicas de inclusão. Por isso, verifica-se ser fundamental o apoio do governo com a criação do cargo de professor de Libras para as escolas, seja ela especializada ou regular.

2.1. A importância do ensino da língua de sinais

A leitura e a escrita são fundamentais em nossa sociedade, que necessita de registros, leis e do movimento a favor da alfabetização. Além disso, essas práticas são essenciais para o enriquecimento pessoal e individual da humanidade. Apesar dos avanços em pesquisas linguísticas que reconhecem o estatuto das línguas de sinais como línguas naturais, ainda é comum encontrarmos equívocos sobre elas. Para iniciar esses estudos, é fundamental compreender os conceitos relacionados às línguas visuoespaciais. Primeiramente, é necessário esclarecer os conceitos de linguagem e língua, para que possamos dar a Libras o seu devido reconhecimento.

De maneira geral, o termo “linguagem”, de acordo com Saussure (1995), representa um sistema de comunicação ou de notação, seja ele humano ou artificial. Linguagem pode ser entendida como uma faculdade ou potencialidade de expressão, como no caso da linguagem de programação, matemática ou corporal. Para Quadros e Karnopp (2004) a “língua” é um termo particular que se refere à materialização dessa expressão por pessoas identificadas por traços culturais específicos e restritas a determinado espaço, como o português, italiano e inglês, por exemplo.

A língua natural, de acordo com Sá (2002), é entendida como uma língua criada e utilizada por uma comunidade específica de usuários, transmitida de geração em geração e sujeita a mudanças ao longo do tempo. As línguas de sinais são visuoespaciais, o que significa que a percepção do mundo ocorre por meio do espaço visual, e não pela via oral-auditiva. Essa língua precisa ser compreendida e desmistificada, como apontam Quadros e Karnopp (2004, pp. 30-37) em seu capítulo intitulado “*A língua de sinais brasileira como língua natural*”.

2.2. O que são as línguas de sinais?

Muitas pessoas ainda percebem a língua de sinais como simples gestos, mímicas ou um código criado dentro de uma família para facilitar a comunicação. No entanto, “[...] os surdos utilizam a expressão corporal para omitir, enfatizar, negar, afirmar, questionar, salientar, desconfiar e assim por diante” (Quadros, 1995, p. 1). Alguns estudos investigam a hipótese de que essas expressões codificam propriedades gramaticais de categorias funcionais da estrutura oracional.

Quadros e Karnopp (2004) desmistificam essa concepção equivocada ao discutir sobre se haveria uma única e universal língua de sinais. As autoras destacam que a língua de

sinais é rica e aplicável em diversas áreas, como matemática, química, psicologia, filosofia e até na criação de poemas e peças teatrais.

Essa visão equivocada foi completamente refutada em um caso concreto, ocorrido dentro do Instituto Felipe Smaldone em um dia de observação, no qual uma mulher italiana tentou se comunicar em língua de sinais Italiana (LIS) com uma aluna surda brasileira, mas não houve entendimento entre elas. Isso demonstra que a língua de sinais é própria de cada país. Por exemplo, o sinal de “água” na Língua de Sinais Italiana (LIS) não foi compreendido por usuários da Língua brasileira de sinais Libras, pois pertencem a sistemas linguísticos distintos mostrando que a língua de sinais não é universal.

Em pesquisas realizadas com surdos de 17 países, Quadros e Karnopp (2004) constataram que, em geral, as línguas de sinais de diferentes nações não são mutuamente inteligíveis por surdos estrangeiros. Isso comprova que nem todas as pessoas surdas fazem referência ao mesmo conceito utilizando o mesmo sinal, evidenciando a diversidade linguística nas comunidades surdas.

Quadros e Karnopp (2004, p. 35) afirmam que “a alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação sociolinguística marcada pela proibição e intolerância em relação aos sinais”, especialmente na sociedade e na educação. No entanto, destacam que essas línguas desenvolvem vocabulários específicos conforme o contexto de uso, e que, com maior aceitação, principalmente no ambiente escolar, ampliam seus repertórios técnicos.

Essa concepção equivocada – isto é, de as línguas de sinais serem universais –, é proveniente do senso comum e da falta de conhecimento sobre a estrutura linguística das línguas de sinais, que possuem elementos estruturais diferentes da língua oral. É necessário direcionar as pesquisas para identificar as diferenças entre ambas, com o objetivo de enriquecer as teorias linguísticas.

Nesse sentido, Kelman (2011) destaca para a importância de considerar o ensino de surdos a partir de experiências visuais. Ele demonstra que a criança surda utiliza uma lógica visual para conceber a escrita do português, reforçando a necessidade de que os textos empregados no ensino partam da língua de sinais e não da língua portuguesa como ponto de partida.

2.3. O Professor de língua portuguesa e seu lugar na sociedade

As propostas de ensino da língua portuguesa para surdos ganham maior legitimidade e investimento a partir do Decreto nº 5.626/05 (Brasil, 2005), que regulamenta a Lei de Libras – Lei nº 10.436/02 – (Brasil, 2002). Esse Decreto afirma:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua (Brasil, 2005).

A formação de professores de Libras em Belém do Pará já apresenta avanços, considerando a importância da inclusão e do respeito à comunidade surda. Os cursos de formação são oferecidos por universidades, instituições de ensino superior e centros de formação continuada. No Pará, há três universidades públicas e algumas faculdades particulares que formam esses profissionais a cada quatro anos, oferecendo cursos que incluem licenciaturas em Educação Bilíngue para Surdos ou em Educação Especial.

Além das graduações, há também cursos de extensão e capacitação voltados à formação continuada de educadores que já atuam na área, ofertados pelos Centros de Atendimento ao Surdo (CAS/PA) da Secretaria de Educação do Estado (SEDUC-PA), bem como por organizações não governamentais e projetos de inclusão que visam melhorar a comunicação e o atendimento às necessidades de alunos surdos. Contudo, mesmo com essas iniciativas, ainda não foram criados cargos específicos para professores de Libras ou intérpretes nas esferas municipal e estadual, o que dificulta e prejudica o ensino voltado ao aluno surdo.

Constatamos que nenhum professor das escolas especializadas na educação de surdos em Belém do Pará possui formação em Letras Libras ou formação continuada na área. Todos os docentes são formados em Licenciatura em Língua Portuguesa e foram alocados em escolas especializadas em ensino bilíngue. Apenas uma professora da Escola Astério de Campos possui curso de formação em língua de sinais e mestrado na área da surdez. Isso evidencia que a educação de surdos, no estado, ainda é incipiente no que diz respeito à formação docente e à criação de projetos educacionais que contemplem as peculiaridades culturais, linguísticas e acadêmicas dos surdos.

2.4. Caminhos e vivências para o ensino da língua portuguesa para alunos surdos.

O ensino de língua portuguesa para surdos é um tema complexo e urgente, marcado por um embate: de um lado, o surdo, que enfrenta dificuldades para se apropriar plenamente

da língua oficial de seu país, e, de outro, o docente, que não encontra métodos eficazes para motivar o aluno, despertando nele interesse e condições para a aquisição da linguagem.

É importante destacar que essa problemática envolve uma falha de gestão e não apenas do professor. Na maioria dos casos, especialmente na região Norte, em Belém, ainda não há ensino de Libras nas escolas regulares, como previsto pelas leis nº 10.436/02 (Brasil, 2002) e nº 14.191/21 (Brasil, 2021). Além disso, até o momento (dezembro de 2024), não foram realizados concursos públicos para professor de Libras e intérprete, o que deixa os alunos surdos sem profissionais adequadamente formados ou com formação continuada na área da surdez. Isso reflete uma ausência de entendimento sobre a cultura surda e o que significa ser surdo. Portanto, o fracasso escolar do aluno surdo em língua portuguesa não deve ser atribuído exclusivamente ao estudante ou ao professor.

Vivemos em uma sociedade majoritariamente ouvinte, falante de uma língua oral, à qual precisamos nos adequar para participar dela, independentemente das nossas possibilidades. Para a criança surda, o acesso à língua de sinais só ocorre ao entrar na escola, e é por meio dessa língua que ela adquire linguagem e significação, seja pela escrita em português ou em língua de sinais. Conforme Quadros (2005) e Baggio (2017), a educação bilíngue deve ser linguística e culturalmente aditiva, ou seja, não apenas o surdo deve ser inserido na cultura ouvinte, mas também o ouvinte deve se inserir na comunidade surda e vivenciar essa cultura, promovendo uma imersão de via dupla. Nesse aspecto, é essencial compreender que as línguas possuem modalidades distintas, respeitando as diferenças e integridade de ambas. Nesse contexto, a formação de professores bilíngues, de professores surdos e de professores de língua portuguesa como segunda língua para surdos é fundamental.

A aprendizagem da língua portuguesa pode ser uma ponte entre o mundo surdo e a sociedade como um todo. Seu sucesso depende da abordagem metodológica da escola, do perfil dos professores atuantes na educação de surdos e das relações comunicativas no cotidiano, por meio de diferentes gêneros textuais e inovações tecnológicas.

Para Bakhtin (2011), a sala de aula deve ser um espaço de trocas de saberes entre professor e aluno. Para isso, os textos trabalhados precisam ter significado e fazer parte da rotina e vivência dos estudantes. Caso contrário, a relação pedagógica torna-se artificial. Por isso, é de suma importância que o professor conheça a língua materna do surdo, permitindo uma leitura de mundo enriquecida pelas trocas de saberes. Esse conhecimento vai além de saber sinais isolados; aprender a falar significa aprender a construir enunciados, pois a comunicação ocorre por meio de enunciados e não de palavras soltas. Assim, o professor

regente desempenha o papel de mediar os textos e as aprendizagens do estudante surdo, utilizando estímulos semióticos que envolvam signos visuais e Libras.

2.5. O produto educacional

A criação do produto educacional “Sinalizando a língua portuguesa: videoaulas para professores” visa fornecer informações que auxiliem os docentes a repensarem suas práticas de ensino, tornando-as mais condizentes com a educação de surdos. O material é composto por 2 videoaulas, elaboradas com base na BNCC para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Considerando a necessidade de o professor conhecer a língua de sinais para incluir efetivamente seus alunos surdos e atuar como agente participativo no processo educativo.

As videoaulas estão direcionadas ao bilinguismo (língua portuguesa e Libras), proporcionando ao docente um olhar mais inclusivo. Ao longo de cada aula, os professores poderão aprender e ampliar seu vocabulário específico com os sinalários apresentados no início de cada vídeo, facilitando a interação entre professor e aluno. No planejamento de uma aula, o professor parte de um conteúdo específico da disciplina, sendo necessário, primeiramente, pesquisar sinais e vídeos em Libras relacionados ao tema. Isso permitirá ao docente apropriar-se dos sinais da área e facilitará o aprendizado dos alunos, promovendo um ensino mais significativo

O produto foi estruturado da seguinte forma: título da aula, dicas de pesquisa para o professor, um sinalário com os sinais específicos do conteúdo a ser ministrado, videoaulas e sugestões de atividades. As videoaulas foram produzidas com o auxílio de um celular para gravação, edição de vídeos no aplicativo CapCut e o uso do Canva (ferramenta *online* para edição de vídeos e imagens). Ver Figuras 3, 4 e 5.

Figura 3: Caminhos para a criação das videoaulas



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: Passo a passo

PASSO A PASSO...

Estudo do conteúdo

GRAMMAR

BNCC

PESQUISA DE CONTEÚDOS NA INTERNET

LINK DE VÍDEOS ENCONTRADOS

<https://www.youtube.com/watch?v=876ERdOrM8o>

<https://www.bing.com/videos/riverview/relatedvideo?q=figuras+de+linguagem+em+libras&mid=55D6262C38BD2E39BD2455D6262C38BD2E39BD24&FORM=VIRE>

SINALÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS/OFICINA DE LIBRAS

FIGURAS DE PALAVRAS

QR CODE

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 5: Produto educacional

PRODUTO EDUCACIONAL

VÍDEO AULA TEMA 01- FIGURAS DE LINGUAGEM

1-As figuras do dia a dia

objetivo: Perceber quais figuras de linguagem o aluno já faz uso no dia a dia.

QR CODE

<https://www.youtube.com/watch?v=R9xyrBeCahk>

Fonte: Arquivo pessoal

O produto educacional “Sinalizando a língua portuguesa: videoaulas para professores” propõe que o professor desenvolva seu próprio recurso pedagógico, promovendo autonomia e criatividade no planejamento das aulas, ao mesmo tempo, que considera a realidade e a regionalidade do aluno, garantindo uma abordagem contextualizada e significativa. Além disso, sugere a criação de sinalários específicos para os conteúdos trabalhados, ampliando o vocabulário em Libras tanto para os alunos quanto para o próprio professor, fortalecendo a interação e a compreensão mútua. O objetivo é também tornar as aulas mais interativas, utilizando recursos visuais e atividades dinâmicas, e incentivar a construção de um banco de aulas para a instituição, promovendo a troca de materiais e a implementação de práticas inclusivas padronizadas.

As aulas propostas foram estruturadas para combinarem teoria e prática, apoiando professores no ensino inclusivo de língua portuguesa para alunos surdos. Com base nos vídeos disponibilizados nos links e QR Codes fornecidos (ver Quadro 1 e 2), os professores refletiram e aprimoraram suas práticas docentes, alinhando-as às necessidades visuais dos alunos surdos.

Quadro 1: QR Codes e Links disponibilizados

	https://www.youtube.com/watch?v=R9xyrBeCahk
	https://www.youtube.com/shorts/EPRw6HD5I8Q

Fonte: Arquivo pessoal

Quadro 2: QR Codes e Links disponibilizados

	https://youtu.be/u8pYLVURoBA
	https://youtu.be/bgzybqyg9RU

Fonte: Arquivo pessoal

Durante a realização das aulas, algumas observações importantes foram destacadas:

- **Prática docente visual:** Os professores desenvolveram estratégias condizentes com a realidade visual dos alunos surdos, utilizando recursos como vídeos, imagens e sinalários, que facilitaram a compreensão e a aprendizagem.
- **Conhecimento da Libras:** Foi enfatizada a importância de os professores adquirirem conhecimento sobre a Libras, considerada a língua materna dos surdos. Esse conhecimento fortaleceu a interação professor-aluno e ampliou as possibilidades de comunicação.
- **Criação e adaptação de conteúdos:** O ensino de língua portuguesa para surdos exigiu dos professores dedicação à pesquisa, estudo e formação contínua. A criação e a adaptação de materiais específicos foram realizadas com atenção às particularidades da Libras e aos desafios de traduzir conceitos abstratos de forma clara e visualmente acessível.

Portanto, esse produto educacional elaborado teve como objetivo nortear e inovar as práticas de ensino da língua portuguesa voltadas para alunos surdos. Seu uso busca auxiliar os professores no desenvolvimento de aulas mais inclusivas e acessíveis, atendendo às necessidades desses alunos enquanto sujeitos visuais. A formação em Letras Libras e em Língua portuguesa pela universidade do Estado do Pará foi de grande importância para a criação desse produto e a prática em sala de aula por 11 anos proporcionou um repensar em estratégias e metodologias diferenciadas que atendessem esses alunos surdos. Pensando também nas angústias pessoais enquanto professora de surdos, na dificuldade em encontrar material de língua portuguesa acessível e principalmente no como produzir e planejar uma aula, espera-se que este produto seja ampliado, com uma quantidade de conteúdos de língua portuguesa que supram a necessidade do conteúdo curricular do ensino fundamental maior e quem sabe até para o nível médio em uma perspectiva futura e que alcance outros professores para além dessas duas instituições, considerando a importância e especificidade desse aluno surdo.

3. Trajetórias metodológicas

A pesquisa envolveu o levantamento bibliográfico sobre a temática de estudo, que permitiu o amadurecimento das ideias, a organização de uma estrutura teórica necessária para a compreensão do problema levantado, a análise dos dados e a criação do produto educacional.

Realizada em duas escolas especializadas no atendimento ao aluno surdo, localizadas na cidade de Belém, capital do Pará, a pesquisa foi organizada em duas etapas principais: (i) Pesquisa bibliográfica e (ii) Pesquisa empírica. Esta segunda subdividida em três momentos:

a) Estudo da realidade social da escola; b) Observação e análise da realidade de trabalho dos professores de uma turma com estudantes surdos; c) Processo formativo e reflexivo com os professores participantes da pesquisa.

Pesquisa bibliográfica

Foi realizado um levantamento de textos sobre formação de professores bilíngues, cultura surda, língua e linguagem, visando compreender o processo de aquisição da Língua de Sinais pelo surdo, bem como o papel do professor na construção de sentidos para essas crianças. Além disso, foram analisadas as orientações do Ministério da Educação (MEC) sobre a formação de professores bilíngues no contexto da educação inclusiva. Por fim, investigou-se como o tema da formação de professores aparece no cenário acadêmico recente.

Pesquisa empírica

a) Estudo da realidade social das escolas

O estudo foi realizado em duas escolas públicas estaduais: o Instituto Felipe Smaldone, com oito alunos surdos no ensino fundamental, e a Escola Astério de Campos, com cinco alunos surdos, ambas com mais de 50 anos de atuação em educação bilíngue. Ver Figura 1.

Figura 1: Instituto Felipe Smaldone



Fonte: acervo do Instituto

O Instituto Felipe Smaldone, fundado em 1972 em Belém, é mantido pela Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações, criada por São Filippo Smaldone. A Congregação foi fundada em 1885, na Itália, por São Filippo Smaldone, que dedicou sua

vida à educação de surdos. Ele criou a Congregação com o objetivo de perpetuar sua missão em prol da pessoa surda, tanto no tempo quanto no espaço.

No Brasil, a Congregação estabeleceu-se em 1972, na cidade de Belém – PA, iniciando suas atividades em 25 de março de 1973, com 27 alunos surdos, de 0 a 14 anos, em regime de semi-internato (hoje Educação de Tempo Integral). Esses alunos estavam matriculados em turmas que iam da alfabetização até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental.

Com o tempo, a Congregação atendeu a convites de pais de crianças surdas de outros estados e expandiu suas atividades. Atualmente, também está presente em Manaus (AM), Fortaleza (CE), Pouso Alegre (MG) e no Paranoá (cidade satélite do DF). Em Belém, a instituição oferece Educação Infantil (3 a 5 anos), Ensino Fundamental I e II (6 a 15 anos) e Atendimento Educacional Especializado, sendo uma referência no ensino de surdos.

Quanto à Escola Astério de Campos (ver Figura 2), foi fundada em 1960 e integra a estrutura organizacional da Secretaria de Educação do Estado do Pará (Seduc), sob a orientação da Coordenação de Educação Especial (COEES). Oferece aos alunos surdos matriculados no ensino regular atendimento educacional especializado (AEE), além de apoio pedagógico funcional para estudantes com deficiência múltipla associada à surdez, surdocegueira e outras modalidades de ensino.

Figura 2: Escola Astério de Campos



Fonte: acervo da escola

A escola Astério de Campos é uma unidade de referência no Estado do Pará e, ao longo de seus 60 anos, tem se destacado na atenção, ensino e formação relacionados à identidade surda. Atualmente (dezembro de 2024), atende alunos do Ensino Fundamental até o 9º ano, além de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e surdocegueira.

b) Observação e análise

A observação e análise da realidade de trabalho dos professores das turmas, na organização de suas aulas, teve como objetivo, por meio de aplicação de questionário, verificar como se deu a formação inicial e continuada dos/as professores/as participantes para atuação específica na área da Educação Especial. Em seguida, por meio de observações e registros em diário de campo, foram acompanhadas aulas das professoras de língua portuguesa, com anotações voltadas para entender como ocorre o trabalho pedagógico com estudantes surdos das escolas especializadas. Nesse momento, o trabalho foi realizado diretamente com os/as professores/as, observando e acompanhando a realização de suas atividades.

Os dados sociolinguísticos foram coletados em 6 de junho de 2023, por meio de um questionário aplicado aos professores do 8º ano do Ensino Fundamental no Instituto Felipe Smaldone, e em 23 de novembro de 2024 com os professores da Escola Astério de Campos. Primeiramente, o tamanho das escolas e a quantidade de matrículas forneceram uma base sólida para a coleta de dados, permitindo uma amostragem representativa do ambiente educacional na região.

O local da amostra é significativo, pois reflete uma das poucas instituições em Belém especializadas na educação de surdos, com excelente estrutura e recursos tecnológicos. No entanto, foi observado que, apesar do aparato tecnológico disponível, a maioria dos professores ainda faz pouco uso desses recursos para fins educacionais. Isso destaca a necessidade de apoio e capacitação para que metodologias diferenciadas sejam aplicadas ao ensino de língua portuguesa para estudantes surdos.

c) Processo formativo e reflexivo

O último momento da pesquisa analisou como os professores conduzem o ensino: consideram a língua materna do surdo ou ensinam o português como para ouvintes? A formação e reflexões com os profissionais buscaram promover práticas mais inclusivas. A Tabela 1 a seguir apresenta o perfil dos professores participantes da pesquisa³.

³ Em conformidade com as questões éticas, os nomes reais dos/das professores/professoras foram alterados.

Tabela 1: Perfil dos professores

Nome	Gênero	Faixa Etária	Formação/Área
Maria	F	40 – 45	Graduada em Letras Língua portuguesa Mestrado em ensino de língua portuguesa
Mônica	F	40 – 45	Graduada em letras Português-inglês Especialista em educação inclusiva
Joana	F	50 – 55	Graduada em Letras Língua portuguesa Especialista em educação inclusiva
Pedro	M	35 – 40	Graduado em Letras Português/ inglês Especialista em educação inclusiva
Elisa	F	35 – 40	Graduada em Letras Língua portuguesa Especialista em educação inclusiva

Fonte: Dados da pesquisa

Quando indagados sobre o domínio da língua de sinais, apenas 20% dos entrevistados haviam realizado cursos de Libras recentemente, enquanto os 80% restantes haviam feito o curso há mais de quatro anos. Relataram, no entanto, que o contato com os alunos surdos lhes proporcionou fluência na comunicação, embora demonstrassem insegurança em relação aos aspectos específicos para o ensino da Língua Portuguesa. Também mencionaram a ausência do ensino de Libras em sua formação inicial, tendo contato com a língua apenas ao ingressarem na escola de surdos. Nesse sentido, Saviani (2010, p. 53) descreve que:

A formação de professores deveria garantir uma sólida cultura que lhes permita atingir uma aguda consciência da realidade em que vão atuar associadas a um consistente preparo teórico-científico que os capacite à realização de uma prática pedagógica coerente. [...] Condições adequadas de trabalho que lhes permitam atualização constante, preparação consistente de suas atividades curriculares e atendimento às necessidades pedagógicas dos alunos, revendo e reelaborando os conteúdos e os métodos do ensino ministrado.

No que tange aos recursos pedagógicos necessários para o ensino de língua portuguesa, 80% dos entrevistados afirmaram utilizar a *internet* como recurso principal, enquanto o livro didático é usado apenas como guia para os conteúdos a serem ministrados. Relataram também a inexistência de materiais específicos com termos técnicos de língua portuguesa disponíveis para auxiliá-los na elaboração de suas aulas. Além disso, indicaram a redução do tempo de planejamento devido à carência de professores nas escolas, o que compromete a hora-atividade, frequentemente “quebrada” ou insuficiente. Em relação ao uso do *smartphone* nas aulas, os professores o utilizam principalmente para pesquisa de sinais ou para mostrar imagens aos alunos, como explicou a professora Mônica: “– *Uso para mostrar a imagem de determinado objeto que ele não associa ao sinal*”.

Quanto ao livro didático, não apresenta nenhuma adaptação e frequentemente adota uma abordagem superficial e descontextualizada da realidade regional dos alunos surdos.

Outras carências foram comentadas pelos professores em suas práticas, destacando-se a necessidade de repensar o planejamento, incorporar recursos tecnológicos, utilizar exemplos reais e cotidianos, além de demandar formações específicas, materiais didáticos adequados e mais tempo para diversificar suas atividades. Essas constatações reforçam a necessidade de planejar e criar materiais didáticos que auxiliem os professores no ensino de língua portuguesa, voltados para atender às necessidades dos alunos surdos. Esse ensino deve partir de uma abordagem visual, e não oral-auditiva.

Com esse propósito, interessou-nos construir, junto aos/as professores/as, uma concepção de escola bilíngue que efetivasse a educação bilíngue em suas práticas, valorizando o ensino da língua materna do surdo. Juntos, planejamos e pesquisamos metodologias e materiais diferenciados, compatíveis com a realidade da turma e dos estudantes participantes. Posteriormente, por meio das observações, filmagens e registros fotográficos, investigamos novamente o trabalho pedagógico realizado pelos/as professores/as, destacando possíveis mudanças no processo de desenvolvimento decorrentes das formações realizadas.

Na próxima seção discutiremos mais detalhadamente os resultados obtidos em nossa pesquisa, relacionando-os com os autores Quadros (2005), Guarinello (2007), Lobato (2016) e Baggio (2017). É na tentativa de contribuir para essas discussões que propomos a análise a seguir, entendendo que ainda há muito a ser compreendido sobre metodologias e recursos que auxiliem na capacitação desse professor. No caso do presente estudo, o foco é um olhar mais atento às questões da surdez, elemento fundamental para adaptar o processo pedagógico e alcançar uma aprendizagem eficaz para os alunos surdos.

4. Validação do produto educacional – “Sinalizando o Português”

A criação deste produto intitulado “sinalizando a língua portuguesa” surgiu das dificuldades relatadas pelos professores na elaboração de suas aulas e da carência de recursos didáticos para o ensino da língua portuguesa a alunos surdos, como destacado ao longo deste trabalho. O objetivo é subsidiar aos professores de português das escolas especializadas na educação de surdos, tornando o ensino mais dinâmico e contextualizado à realidade desses alunos.

O material foi desenvolvido a partir de pesquisas e da seleção de textos e frases, considerando sugestões dos próprios alunos, buscando trazer conteúdos que dialogassem com suas opiniões e interesses do dia a dia. Essa abordagem se baseia no estudo de Baggio (2017), que defende a educação bilíngue como uma imersão de via dupla.

Após a conclusão da construção das videoaulas, o produto passou por um processo de validação⁴ realizado por professores de língua portuguesa que atuam em turmas específicas de alunos surdos nas escolas especializadas na educação bilíngue (língua portuguesa e Libras) da rede estadual de ensino. O processo de validação foi concluído no Instituto Felipe Smaldone entre fevereiro e junho de 2024, e na Escola Astério de Campos foi concluído em novembro de 2024. Os professores tiveram acesso ao produto por meio de *links* no YouTube, e o roteiro de avaliação foi entregue impresso, juntamente com orientações para a análise do material. Ver Tabela 2 a seguir⁵.

Tabela 2: Itens avaliados do produto educacional

Item avaliado	Sim	Não	Em Parte
As vídeo aulas podem de fato auxiliar no processo de planejamento do professor?	100%		
O acesso ao produto foi atingido com facilidade?	98%		0,2%
O produto estimulou de alguma forma a repensar sua prática de planejamento das aulas de língua portuguesa?	100%		
O produto educacional contribuiu para maior dinamicidade do ensino da língua portuguesa para surdos	100%		

Fonte: Dados da pesquisa

Nas referidas escolas, os professores validaram o produto educacional criado. Entre as respostas apresentadas, destacam-se as falas das Professoras Maria, Mônica e Pedro, respectivamente.

“[...] ele traz os conteúdos muito bem explicados e sucintos, sem se prolongar, facilitando o entendimento pelo aluno, nos dando um norte de como organizar nossos conteúdos e construir nosso próprio acervo de sinais.”

“[...] precisamos de materiais como esse, que facilitem e otimizem nosso tempo de pesquisa e criação, pois com a rotina de sala de aula fica muito difícil essa busca. Não encontramos um material específico de nossa área, muito relevante o material para nossas produções.”

“Eu valido pela necessidade de materiais como esse que nos apresente sinais específicos e explique em Libras o conteúdo, visto minha fluência não ser grande ainda.”

Nas respostas dos professores, percebe-se a ausência de materiais que consolidem sinais específicos da disciplina, bem como a falta de recursos que utilizem uma linguagem

⁴ Validação do produto educacional disponível no link: <https://forms.gle/W9K8h3x1whulq21J7>

⁵ 100% dos professores responderam à pesquisa.

regional, permitindo ao estudante identificar com maior clareza os fenômenos linguísticos em uso. Somente uma professora sentiu dificuldades no acesso ao link devido ao uso pelo celular, apresentou dificuldade em utilizar o canal Youtube, porém ensinamos o passo a passo com calma e ela ao final conseguiu utilizar. Nesse contexto, o material busca suprir uma falha que não é do professor, mas da gestão, que coloca esses profissionais em uma situação de adaptação contínua. O objetivo é contribuir para o processo de inclusão, ampliando a visão do professor e incentivando mudanças positivas em suas práticas pedagógicas.

5. Considerações Finais

Com o objetivo de promover um ensino de língua portuguesa mais direcionado ao surdo, este trabalho partiu das dificuldades relatadas pelos professores em planejar suas aulas e atividades na disciplina de língua portuguesa. Com base nas observações realizadas em sala de aula, foi produzido um produto educacional para subsidiar o professor no planejamento de suas ações. Até o momento, o produto tem apresentado resultados satisfatórios, já que todos dos professores pesquisados validaram seu uso como suporte para organizar e planejar suas aulas.

Buscar o domínio da língua de sinais pelos professores faz parte da conscientização sobre o papel do docente em práticas inclusivas. No entanto, reconhece-se que isso é uma construção contínua, envolvendo língua, cultura e identidade, que são diferentes das pessoas ouvintes. Esses desafios precisam ser superados, e a prática nos aproximará do ideal de educação que os surdos almejam.

Em suma, esta pesquisa reflete sobre a formação do professor bilíngue em escolas especializadas de Belém do Pará, dialogando tanto com a legislação quanto com autores que defendem uma educação bilíngue, com Libras como primeira língua da pessoa surda e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua. Trata-se de um anseio por uma educação democrática que proporcione, além do acesso à escola, a formação efetiva do conhecimento.

A elaboração produto educacional demonstrado neste artigo, visou nortear e inovar as práticas de ensino de língua portuguesa para professores que atuam com alunos surdos. Seu uso auxiliará o professor a desenvolver uma aula mais inclusiva e acessível ao aluno surdo, atendendo às suas necessidades enquanto sujeito visual e não auditivo.

Por fim, pretende-se que este produto seja utilizado pelos professores e que estimule a criação própria de materiais e aulas adaptadas, com foco no surdo, que seja ampliado e que haja um troca entre as diversas disciplinas e professores no intuito de auxiliar as produções.

Que ele seja incluído em formações recorrentes fazendo com que os professores criem seu banco de aulas e possam ajudar outros professores da rede de ensino fortalecendo uma educação bilíngue (língua portuguesa e língua brasileira de sinais) que o surdo tanto almeja.

6. Referências

- ANTUNES, C. F. **Aquisição da linguagem na relação libras x português**. 2007. 38f. Monografia (Especialização em Déficit Cognitivo e Educação de Surdos). Universidade Federal de Santa Maria, Uruguaiana, 2007.
- BAGGIO, M. A; CASA NOVA, M. G. *Libras*. Curitiba: Intersaberes, 2017.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad, 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002.
- BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a educação bilíngue de surdos como uma modalidade de ensino independente. Brasília, 2021.
- CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA A. G. S. *Problemas de leitura e escrita*. São Paulo: Memnon, 2000.
- FERNANDES, S. Letramentos na educação bilíngüe para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, Giselle; ANGELIS, C. M. de, (org.) *Letramento: referenciais em saúde e educação*. São Paulo: Plexos, 2006.
- FELIPE, T. A.; Monteiro, M. S. *Libras em contexto: curso básico- livro do professor*. 6.ed. Brasília: MEC/Seesp, 2007.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. - São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- GONÇALVES, H. B.; Festa, P. S. V. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. In: **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET** – dezembro, 2013

- GUARINELLO, A. C. *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus, 2007.
- KELMAN, C.A. Letramento do aluno surdo: considerações sobre compreensão e escrita em L2. Disponível em: <http://ihainforma.wordpress.com>. Acesso em: 7 ago 2024.
- LOBATO, H. K. G.; AMARAL, H. N. S.; SILVA, L. F. R. Análises e reflexões sobre a inclusão escolar de alunos surdos no ensino regular. In: *Diálogos sobre inclusão escolar e ensino-aprendizagem da Libras e Língua Portuguesa como segunda língua para surdos*. 2016.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SÁ, N.R.L. de. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: Ed. Da Ufam, 2002.
- SAUSSURE, F. curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SAVIANI, D. Formação de professores. In: *Interlocuções pedagógicas: entrevista*. Entrevista ao Jornal das Ciências – USP de Ribeirão Preto em 2004. Campinas: Autores Associados, 2010.
- SKLIAR, Carlos. A escola para surdos e as suas metas: repensando o currículo numa perspectiva bilíngue e multicultural. **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação. UFPel, Pelotas (12):21 -34, jan./jul. 1999. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6266/5478>>. Acesso em 20 nov. 2024
- STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- VIGOTSKY, L.S. *Aprendizagem, Desenvolvimento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: ícone, 1998.